



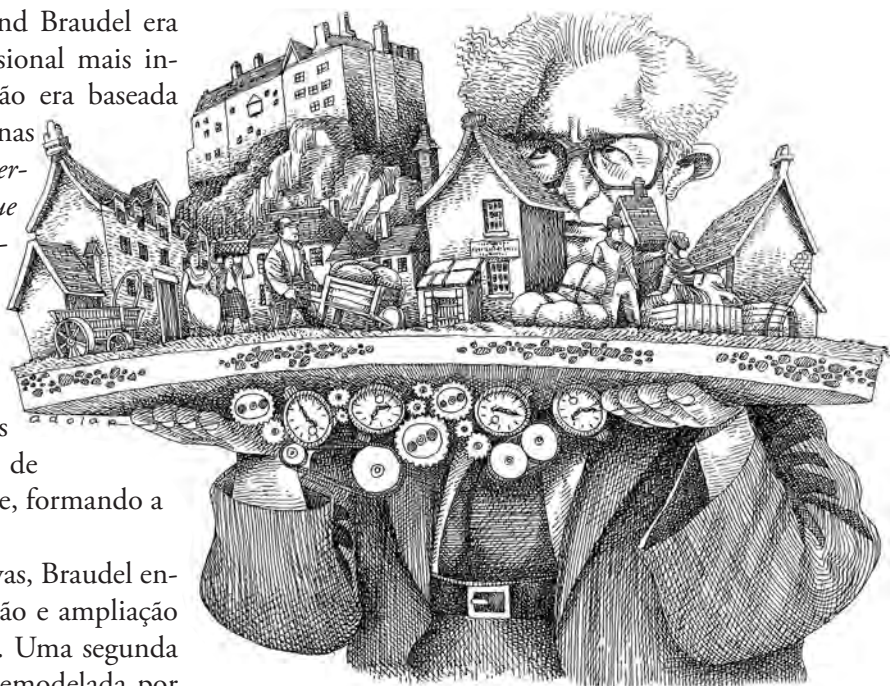
Fernand Braudel, historiador

William H. McNeill

Quando morreu, em 1985, Fernand Braudel era sem dúvida o historiador profissional mais influente do mundo. Sua reputação era baseada em um magnífico livro de mil e cem páginas publicado em 1949 com o título *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à L'Époque de Philippe II*; e sua relevância foi subsequentemente consolidada por seu trabalho de editor (1956-68) do jornal *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*, e por seu cargo na presidência (1956-72) do Sixième Section da École Pratique des Hautes Etudes em Paris, onde um vigoroso grupo de jovens historiadores se reunia em torno dele, formando a inconfundível "Escola dos *Annales*".

Apesar de acumular tarefas administrativas, Braudel encontrou tempo para uma substancial revisão e ampliação de seu famoso livro sobre o Mediterrâneo. Uma segunda edição saiu em 1966, significativamente remodelada por novas hipóteses e indagações, e enriquecida por mapas, tabelas e ilustrações que haviam estado ausentes na primeira impressão. Simultaneamente, ele trabalhou no sentido de uma história mundial, publicada em uma forma preliminar em 1967 com o título *Civilisation Matérielle et Capitalisme, XVe-XVIIIe Siècle*. Este trabalho, também, foi revisado quando apareceu novamente em 1979 como o primeiro de três volumes coletivamente intitulados *Civilisation, Économie et Capitalisme, XVe-XVIIIe Siècle*, atual matéria do ciclo de seminários organizado pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial. Então, já velho, Braudel se propôs a escrever, mas não conseguiu completar, outro longo livro de história, desta vez da França. Suas primeiras seções apareceram postumamente em 1986 como *L'Identité de la France*, em três volumes.

Braudel também escreveu um livro texto para escolas secundárias francesas, intitulado *Grammaire de Civilisations* (1963). Este cobria o mundo, civilização por civilização, e fazia parte de um esforço pela reforma curricular; mas o Ministério da Educação francês não aprovou o livro; com isso, o ponto de vista inconfundível de



Braudel em relação ao mundo e seu passado continuou a ser excluído das escolas francesas. Sendo assim, o projeto morreu ao nascer, e pode seguramente ser deixado de lado quando se tenta avaliar seu sucesso como historiador. Ele também escreveu inúmeros artigos e deixou outros escritos de assuntos variados quando morreu, porém os dois trabalhos de peso que ele conseguiu completar, aos quais irei me referir como *O Mediterrâneo e Civilização e Capitalismo*, para ser breve, foram os que mais importaram. Deixem-me, assim, me concentrar principalmente neles.

Estranhamente, em uma época em que Braudel se mos-

Continua na página 4

William H. McNeill é Professor Emérito de História na Universidade de Chicago e membro do Instituto Fernand Braudel. Entre suas obras destacamos *The Rise of the West* (1963), *Plagues and Peoples* (1976), e *The Pursuit of Power* (1982). Este ensaio foi preparado para o ciclo de seminários sobre a trilogia de Braudel, *Civilização e Capitalismo*, organizado pelo Instituto Fernand Braudel. Seus ensaios prévios no Braudel Papers foram "A onda crescente de violência urbana" (1994) e "Caminhos da descoberta" (1997).



Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

Associado à Fundação
Armando Alvares Penteado (FAAP)
Rua Ceará, 2 – 01243-010
São Paulo, SP
Tel.: 11 3824-9633
e-mail: ifbe@braudel.org.br
www.braudel.org.br

Presidente honorário: Rubens Ricupero

Conselho diretor: Roberto Paulo César de Andrade (presidente), Roberto Teixeira da Costa (vice-presidente), Marcelo Allain, Paulo Andreoli, Robert Appy, Alexander Bialer, Hélio de Lima Carvalho, Diomedes Christodoulou, Eduardo Giannetti da Fonseca, Luiz S. Hafers, Antônio Corrêa de Lacerda, Edward Launberg, Rolf Leeven, Amarílio Proença de Macedo, Luiz Eduardo Reis de Magalhães, Celso Martone, Mailson da Nóbrega, John H. Schulz, Yuichi Tsukamoto e Maria Helena Zockun.

Diretor executivo: Norman Gall
Coordenadores: Nilson Vieira Oliveira

Patrocinadores:

ABN - Amro-Bank | Alston | Antarctica
Banco Icatu | Banco Lloyds | Brascan
Brasmotor | Editora Abril | Enron
Ericsson | General Electric Foundation
Itaú | J.P. Morgan | Klabin | Natura
O Estado de S. Paulo | Pão de Açúcar
Philips | Pirelli | Safra - Projeto Cultural
Siemens | Souza Cruz | Tecknowledge
Villares | White Martins | Xerox

Braudel Papers é uma publicação do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial com o especial apoio da The Tinker Foundation, Klabin e O Estado de S. Paulo.

ISSN: 1981-6502

Editor: Norman Gall

Copyright 1999 Instituto Fernand Braudel
de Economia Mundial

Braudel e nossos patrimônios mutáveis no Brasil

Maarten Waelkens

Dariamente somos convidados a seminários sobre técnicas de administração, direito tributário, novos softwares, conjuntura econômica e técnicas de controle de produção e gestão. Assim, é incomum para os homens de negócio, economistas, advogados e jornalistas participar de um ciclo de seminários sobre a obra de Fernand Braudel. Nota-se que não se trata de um exercício rotineiro ou comum, porque temos que nos preparar lendo para cada sessão quinzenal um capítulo das mais de duas mil páginas da trilogia *Civilização Material, Economia e Capitalismo*. O ensaio brilhante de William McNeill neste *Braudel Papers* nos mostra porque isto é tão importante.

Fernand Braudel e o instituto paulistano que leva o seu nome tratam do longo prazo, de espaços grandes e de problemas institucionais, elementos que excedem o horizonte cotidiano. É exatamente por isso que temos que investir nosso tempo nesse grande trabalho. Um piloto aéreo precisa saber mais que dominar os botões de seu painel de controle. Ele também precisa estar familiarizado com as condições meteorológicas e para isto deve ter conhecimentos básicos sobre clima. O dólar explode. Patrimônios são afetadas. Mas, por que? Porque os processos de longa duração estão e nós pouco os conhecemos. Braudel nos ajuda a explicar essas mudanças.

É impressionante como tantas de nossas decisões tem consequências a longo prazo: casamos; temos filhos; economizamos para um futuro incerto; construímos casas que podem durar mil anos; deslocamos instalações produtivas; emigramos para outros países. Não temos consciência do quanto estes influenciam o

futuro. O problema atual do “bug do milênio” mostra que mesmo os mais brilhantes criadores de nova tecnologia não previram que suas invenções iriam sobreviver além do ano 2000.

Se nossos atos limitados têm consequências a longo prazo, o contrário também é verdade. Somos todos influenciados por milhares de decisões de milhares de pessoas antes e em volta de nós. O pioneirismo de Braudel e dos historiadores de “les annales” está no fato de que eles tentaram dar uma dimensão histórica a essa miríade de decisões humanas. Esta nova maneira de enxergar a História não era totalmente aceita pelos historiadores, que a classificaram como Geografia ao invés de História. Braudel provou que a luta cotidiana faz parte da história.

Pode-se questionar se, devido a multiplicidade de fatos que Braudel quis considerar, ainda seria possível encontrar padrões regulares para uma análise consistente. Ler Braudel nos expõe a uma prosa elegante de ambições poderosas. “Somente na autolimitação o homem encontra sua grandeza”, disse Goethe. Braudel não demonstra grande inclinação a autolimitação. Será que ele sofria de arrogância e ambição exagerada? Ou estaria simplificando demais?

Braudel divide a economia e a sociedade em três pavimentos (níveis): uma esfera inferior de autosubsistentes composta por camponeses; uma esfera intermediária de economias de mercado locais e transparentes; e uma esfera superior, a do capitalismo internacional, dominando o comércio mundial. Seria essa divisão “científica”? Deixo para os especialistas o debate. Mas, evidentemente, trata-se de um modo útil de pensar o desenvolvimento humano.

A imemorable luta do camponês pela sobrevivência, banida hoje pelo estado de bem-estar social europeu, é ainda muito marcante em outros países. A seca no Nordeste do Brasil nos faz lembrar desta luta. Nem todos os pobres vivem na penúria extrema. Mas estão sempre vulneráveis a isto porque não participam da economia de mercado. Qual é então o papel da economia de mercado no desenvolvimento humano? É este o grande tema de Braudel.

O papel do comércio externo é particularmente interessante. Braudel gasta mais tempo para falar do comércio internacional do que do (muito maior) comércio local. Isso pode em parte ser explicado pela maior disponibilidade de evidências escritas a esse respeito do que acerca do comércio local, que não necessitava de tanta documentação. Porém, Braudel convence o leitor de que o comércio externo, mesmo sendo limitado em volume, sempre foi o principal motor do crescimento e do intercâmbio internacional. Hoje 70% do comércio internacional está nas mãos de companhias multinacionais, e a influência deste comércio na economia mundial é maior do que sugerem seus números absolutos. Mesmo quando a economia brasileira era menos aberta, a economia mundial e a disponibilidade de divisas estrangeiras foram fatores determinantes do crescimento econômico. Em outras palavras, nossa economia sempre teve alcance global.

Braudel deveria ter parado neste ponto. Ele exagera o papel dos “capitalistas”. Isto é dogmatismo e não ciência. Ele comete o mesmo erro dos estruturalistas ao tentar encaixar a sociedade inteira dentro do seu modo de pensar. Ou o erro dos marxistas

que enfatizam de maneira exagerada as relações econômicas como base da sociedade. Esta é uma supersimplificação, tanto de Braudel como de Marx. A sociedade não consiste apenas de mercadores. Muitos segmentos da sociedade, talvez a maioria deles, têm uma racionalidade diferente do mercado livre dos economistas. Crianças, pensionistas, militares, trabalhadores, professores, padres, doutores e seus pacientes, juizes e escritores possuem papel relevante para a sociedade, nem sempre com um viés econômico. A História não é apenas a do comércio, do dinheiro ou da produção, mas também das religiões, da filosofia, da ética, do direito, da ciência, da matemática, das doenças e guerras... Todos estes assuntos são menos importantes na obra de Braudel. Vejamos o exemplo dos direitos humanos. Estamos celebrando meio século da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Certamente o desenvolvimento desse conceito levou mais que cinquenta anos, e não se desenvolveu igualmente em todos os países. Qual a história deste conceito? Qual o seu papel para o desenvolvimento humano?

Mesmo não podendo nos explicar o mundo inteiro Braudel é um pioneiro em dar um significado à vasta quantidade de informações detalhadas que ele colecionou. Ele dá perspectiva para o volumoso e as vezes caótico acúmulo de informações que existe hoje. Sua técnica é extremamente útil. Ele nos ajuda a compreender a importância de fenômenos como demanda e inovação tecnológica, o papel das grandes cidades na economia mundial, estatísticas populacionais e migrações, o desenvolvimento do dinheiro, da moda, mobília e comida. Tudo isto está

presente em nossa vida cotidiana. McNeill observa: “A aventura de Braudel sobre a história global, embora limitada aos negócios econômicos ocorridos entre 1400 e 1800, é um impressionante exemplo de como um único autor pode conformar o mundo inteiro em um quadro inteligível dos tempos passados”.

Da mesma maneira que as diversas culturas milenares mediterrâneas devem ter influenciado o pensamento de Braudel, assim também o foi São Paulo. “O Brasil me transformou intelectualmente”, disse Braudel certa vez. E de fato sua experiência no Brasil e em São Paulo o ajudou a dar movimento à “fotografia” que tinha do Mediterrâneo. São Paulo e o Mediterrâneo são ambos anfitriões de monumentais fusões culturais que acontecem até hoje. Não somente culturas geograficamente distintas, mas também o novo e o velho que convivem juntos. O intercâmbio e fusão entre estas esferas devem ser empolgantes para qualquer historiador. São Paulo abre-nos a mente para entendermos os problemas institucionais. São Paulo é o lugar ideal para ler Braudel e ver, ao vivo, os processos de longo prazo da história. Assim conseguimos entender nosso clima e tempo. Pilotos não tentam mudar o clima. Eles apenas tentam entender sua ordem para se adaptarem. Se nós aprendemos a nos adaptar, com humildade e inteligência, teremos menos inundações, crises monetárias, crimes. Teremos instituições melhores, maior estabilidade política e esperança.

Marteen Waelkens, membro do Instituto Fernand Braudel e é diretor da Krupp Hoesch Molas no Brasil.

Continuação da página 1

trava como a figura dominante entre os historiadores franceses, ele continuava marginalizado – de acordo com sua opinião pessoal – excluído de ter uma completa participação na Universidade de Paris pelos historiadores da velha guarda, que enfatizavam eventos políticos e personalidades e achavam que grande parte do que Braudel pesquisava – o que ele se referia como “*la longue durée*” – era geografia humana, e não história. “Eu, também, fui excluído da Sorbonne em 1947”, escreveu em 1976. “Quando defendi minha tese naquele ano, um dos membros da banca sutilmente me disse: ‘Você é um geógrafo, deixe-me ser o historiador’”.

O seu longo e duradouro ressentimento em relação ao *establishment* histórico da Sorbonne presumivelmente o incitou a trabalhar mais arduamente e provar o quão errados eles estavam. Mas ironicamente, após o levante estudantil de 1968, quando Braudel finalmente se incorporou ao *establishment* universitário de Paris, ele imediatamente se tornou um alvo para os historiadores mais jovens, muitos deles treinados na tradição dos *Annales*, que começaram, por sua vez, a afirmar sua própria autonomia intelectual ao rejeitar todo ou parte do estilo Braudel de análise histórica.

Atritos entre gerações de historiadores e outros acadêmicos profissionais podem ter sido incomumente agudas na França, mas o fenômeno é universal. O que era incomum em relação à carreira de Braudel como historiador era a maneira como dava atenção detalhada à *longue durée* (longa duração) registrada e refletida na transformação que a própria França passou durante sua vida, quando mudou de uma nação imperial com a maioria dos cidadãos ainda vivendo como camponeses ligados à tradição, para um povo basicamente urbanizado (seja lá onde residisse), e que sua identidade nacional e seu destino soberano se confundiam e eram desafiados tanto por uma emergente comunidade européia como também por uma onda de imigrantes



do norte da África e outras partes do antigo império, que se adaptavam de forma estranha na sociedade francesa.

Braudel vivenciou esta transformação intensa e pessoalmente. Ele mais tarde declarou que sua abordagem madura da história havia sido profundamente afetada pelas experiências de sua juventude no vilarejo de Luméville, localizado no departamento de Meuse, não muito distante de Verdun, no nordeste da França. Ele nasceu lá em 1902. Seu pai ensinava matemática em uma escola secundária numa cidade próxima, mas o jovem Fernand passou grande parte de sua infância com sua avó materna, vivendo na mesma casa e da mesma maneira como seus ancestrais camponeses haviam vivido durante séculos.

Ele, assim, podia afirmar: “Eu era no começo, e continuo sendo agora, um historiador de origem camponesa. Eu poderia citar nomes de plantas e árvores deste vilarejo do nordeste da França, conhecia todos os seus habitantes, os observava trabalhando:

o ferreiro, o fabricante de carroças, os lenhadores ocasionais, os ‘bouquillons’. Observava as rotações de culturas anuais nas terras do vilarejo que hoje produzem nada mais do que grama para gado pastar. Observava a roda giratória do velho moinho, que fora, creio eu, construída havia muito tempo para o chefe local por algum ancestral meu. E porque todo o interior da nordeste da França é cheio de recordações militares, fui, através da minha família, um filho que apoiava Napoleão em Austerlitz, em Berezina...”.

Ele dedicou seu último livro, *L'Identité de France*, à sua avó, e começa aquele livro com as palavras orgulhosas: “Eu digo agora e daqui em diante: eu amo a França com a mesma paixão, exigente e complicada que Jules Michelet”. [Michelet (1798-1874) escreveu uma História da França em diversos volumes. Suas habilidades literárias e fervor nacionalista e anticlerical fizeram muito por moldar o republicanismo francês entre 1871 e

1914]. O Braudel da França amava a França de sua infância: um pastiche de vilarejos e pequenas cidades onde as rotinas habituais se conformavam com os ditames do solo e do clima, onde os negócios cara a cara eram “honestos” no sentido de que ambos os envolvidos sabiam o preço usual a ser pago por bens e serviços, e todos sabiam o que esperar dos outros e dele ou dela também. Era um mundo quase totalmente compreensível e correto aos olhos de um menino de cinco ou seis anos de idade, que, sob o cuidado amoroso de sua avó, observava as estações do ano passarem, e via como seus parentes mais velhos ajustavam seus trabalhos em função delas.

Agradáveis recordações de Luméville sem dúvida lhe deram inspiração para a “*longue durée*” que Braudel pesquisava tão apaixonada e extensamente em *O Mediterrâneo*, assim como nas *Estruturas do Cotidiano* que constituíram o primeiro volume de *Civilização e Capitalismo*. Luméville, em outras palavras, provocou a mais bem sucedida inovação de Braudel na escrita da história: sua insistência na importância básica dos hábitos costumeiros de locais geograficamente diversificados e rotinas quase inconscientes, as quais, afirmava, estabeleciam limites para todas atividades deliberadas e conscientes, fossem em questões econômicas, políticas ou militares. E simplesmente porque a variedade de costumes locais estava desaparecendo tão rapidamente da França rural após a Segunda Guerra Mundial, o público leitor francês estava preparado para “saborear” as detalhadas descrições de Braudel e a ênfase da importância passada destes estilos de vida locais, tradicionais.

Mas o futuro historiador não permaneceu um simples homem de vilarejo por muito tempo, e sua maneira madura de escrever história, a qual levava muito mais em conta as cidades, comércio e finanças que a agricultura, registrou suas subseqüentes experiências urbanas. Em 1908, seu pai pegou um trabalho de professor em Paris e a

família se mudou para a periferia da capital. Lá, Braudel estudou na escola primária e encontrou “um professor excelente, um homem que era inteligente, respeitoso, autoritário e que recitava a história da França como se estivéssemos celebrando uma missa”. Subseqüentemente, ele viveu ao longo da Primeira Guerra Mundial como um estudante do Lycée Voltaire em Paris (1913-20), onde estudou latim e grego, “adorava história”, escreveu “poesia em excesso”, e, como mais tarde declarou, “teve uma ótima educação”. Quase se formou. “Eu queria ser um doutor, mas meu pai se opôs a esta carreira insuficientemente motivadora, e eu encontrei-me desorientado naquele ano de 1920, o qual foi para mim um ano triste. Ao final entrei na Sorbonne como estudante de história. Graduei-me sem dificuldade,

Um ato audacioso

mas também sem grande entusiasmo. Tinha a sensação que estava desperdiçando minha vida, tendo escolhido a saída mais fácil. Minha vocação como historiador não surgiu até bem mais tarde”.

Em 1923, ele começou a lecionar história na Argélia, primeiro no liceu em Constantine e depois, após um ano, em Argel. Continuou a lecionar lá até 1932, excetuando-se um período de serviço militar, 1925-26, que ele passou na região do Reno alemão, como parte do exército de ocupação francês. A história que ele ensinou era a que o Estado francês requeria: uma espécie de história que ele mais tarde descartou porque lidava apenas com eventos políticos e militares superficiais. Mesmo assim ele estava consciente ao cumprir sua tarefa e inclusive afirma ter emergido da Sorbonne com uma série de opiniões convencionais, tendo focado sua atenção

pessoal, como “todos os estudantes esquerdistas da época”, na Revolução Francesa de 1789.

Apesar de não ter se entusiasmado nem se comprometido profundamente com seu tema, como o deveria, era ambicioso o suficiente para desejar uma carreira universitária. Isso exigia que escrevesse uma tese aceitável com base em fontes primárias numa escala que o qualificaria para o doutorado. Sendo assim, após considerar e então decidir que seus “exagerados sentimentos franceses” tornariam desaconselhável escrever sobre a história alemã, voltou-se, em vez disso, para o rival mais antigo da França, se propondo a escrever sobre Felipe II, a Espanha e o Mediterrâneo. Seus professores logo aprovaram sua sugestão e Braudel, conseqüentemente, começou a trabalhar nos arquivos espanhóis em Simancas em 1927 durante suas férias de verão.

Para um francês intensamente patriótico escolher a história espanhola era por si só surpreendente. Residindo, como ele havia feito, em Argel, na costa oposta do Mediterrâneo, Braudel começou a contemplar a França à distância, e sua tese logo se tornou um ato de audácia, fazendo com que explorasse horizontes muitos mais largos que aqueles estabelecidos pelo quadro nacional no qual a maioria dos historiadores ficava confinada. De fato, uma curiosidade onívora foi sempre um dos traços duradouros característicos de Braudel. Ao final, nada menos que o mundo inteiro o satisfazia.

Conseqüentemente, ele não permaneceu satisfeito com Simancas, mas começou, nos anos subseqüentes, a pesquisar outros arquivos mediterrâneos, até mesmo em lugares tão distantes de seu local de estudo como Dubrovnik, na costa iugoslava. Foi lá, ele lembra, onde as fronteiras otomanas e cristãs entravam em contato, que em 1934. “Pela primeira vez, eu vi o Mediterrâneo do Século XVI” em seu dia-a-dia, seu aspecto mercantil, revelado por registros detalhados de

“navios, notas de carregamentos, bens comerciáveis, taxas de seguros, acordos de negócios”.

Uma tese inteiramente diferente do que esperavam seus professores da Sorbonne, assim, começou a tomar forma na cabeça de Braudel e nas volumosas anotações que ele acumulava dos arquivos que consultava. A escala deste empreendimento parecia fora de controle, já que ele havia decidido escrever sobre o dia-a-dia da vida humana em toda a costa mediterrânea durante o meio século quando o governo do rei Felipe lutou contra os sultões otomanos pelo domínio do mar, e quando as conquistas transoceânicas européias e o seu comércio começaram a mudar dos principais centros do poder político e econômico europeus do Mediterrâneo para a Europa atlântica.

Um vasto panorama humano emergiu de suas pesquisas, e questões fundamentais sobre o curso da história européia e mundial surgiram na imaginação fértil de Braudel. Porém quanto mais ele descobria, mais havia o que se investigar nos arquivos ainda inexplorados.

Não é de se estranhar “que entre meus amigos e colegas era comentado que eu nunca terminaria este trabalho extremamente ambicioso”, mesmo que ele nunca tenha se aventurado nos vastos arquivos otomanos, e que tenha usado apenas as linguagens da Europa ocidental. Não obstante, seu apetite por detalhes era insaciável, e desde o começo, ele descobriu como escapar dos limites da pesquisa do período de férias ao usar uma câmera de cinema de segunda mão para fotografar milhares de documentos a cada dia que ele passava nos arquivos. “Eu fui”, diz ele, “sem dúvida nenhuma o primeiro a usar verdadeiros microfílm, os quais eu próprio revelava e

mais tarde lia, através de longos dias e noites, com uma simples lanterna”.

Não ele apenas. Já que sua esposa, Paule, quem ele conheceu pela primeira vez como uma estudante em uma de suas aulas do liceu argelino, eventualmente se tornou uma leitora assídua e habilidosa dos intermináveis rolos de filme que acumulavam. Daí em diante, a escrita acadêmica de Braudel dependia tanto das pesquisas dela como das suas. Madame Braudel se manteve em grande medida no pano de fundo, e anos mais tarde se preocupou mais com a fama do marido e com sua influência do que ele próprio. Ela, por exemplo, foi a pessoa que o persuadiu a escrever o testemunho pessoal de onde eu tiro a maior parte de minhas informações



sobre sua carreira, e após sua morte continuou a preparar vários volumes de seus escritos miscelâneos para publicação.

Em 1932, Braudel deixou a Argélia para um cargo de professor no liceu de Paris. Isto permitiu que conhecesse Lucien Febvre, que estava destinado a ter um papel fundamental em sua carreira subsequente. Seus encontros eram apenas casuais no começo. Febvre (1878-1956) tentava ser um reformador briguento da historiografia francesa. Em particular, era o co-fundador, com Marc Bloch, de um influente jornal intelectualizado, *Annales D'Histoire Économique et Sociale*, o qual editavam juntos desde 1929. Bloch, que serviu na resistência francesa, foi preso e assassinado pelos

nazistas em 1944, enquanto Febvre sobreviveu à guerra tranqüilamente. Então em 1946, com a ajuda de financiamentos da Fundação Rockefeller, em Nova Iorque, ele reorganizou o jornal e, buscando sua própria visão de um novo estilo de “história total”, mudou seu título para *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*.

Ao proclamar a importância da história econômica e social, e provocar inúmeros debates acalorados sobre a melhor maneira de abordar o passado, Febvre e Bloch inauguraram a “escola de *Annales*” antes da Segunda Guerra Mundial. Após 1946, Febvre expandiu as demandas imperiais de seu estilo de história “total”, argumentando que todas as ciências humanas se

encontravam e se misturavam nas cabeças dos historiadores apropriadamente treinados. Então, quando ele morreu em 1956, Braudel herdou a posição de Febvre como editor e nos doze anos seguintes levou a influência da escola dos *Annales* ao seu ápice.

Desde o seu primeiro encontro no início dos anos 1930, Febvre encorajou Braudel a ampliar o escopo das pesquisas de sua tese; mas os dois homens permaneceram apenas como conhecidos distantes até 1937. Até lá Braudel já havia passado dois anos memoráveis lecionando um curso geral de história da civilização na recém estabelecida Universidade de São Paulo, no Brasil, e estava retornando à França para assumir um novo compromisso na Ecole Pratique des Hautes Etudes. Por sorte, ele viajou num navio que também estava levando Lucien Febvre de volta ao seu país após fazer palestras em Buenos Aires. “Aqueles vinte dias atravessando o oceano foram, para Lucien Febvre, para minha esposa e para mim, vinte dias de felizes conversas e risos.

Foi aí que eu me tornei mais do que um acompanhante de Lucien Febvre - um pouco como seu filho: sua casa nos Juras, em Souget, se tornou minha casa, os seus filhos, meus filhos”. E foi lá, na casa de Febvre nos Juras, que Braudel começou a escrever seu maior livro no verão de 1939, somente a ser interrompido pelo chamado para servir o exército francês quando a Segunda Guerra Mundial começou em setembro.

A guerra de Braudel, como a da França de uma maneira geral, foi curta e inglória. Ele foi capturado pelos nazistas vitoriosos em 1940 e após um período de detenção em Mainz se encontrou designado para um campo especial para prisioneiros indisciplinados perto de Lubeck, na fria e desolada costa báltica. Ele permaneceu lá de 1942 a 1945; ainda assim, foi nessas duras condições que Braudel terminou seu trabalho de sua tese. Como resultado, ele escreveu o primeiro rascunho de *O Mediterrâneo* na costa do Báltico! Eis o que ele tem a dizer sobre essa impressionante proeza:

Foi no cativeiro que escrevi aquele enorme trabalho, enviando caderno escolar atrás de caderno escolar para Lucien Febvre. Apenas minha memória permitia este tour de force. Se não fosse pelo meu aprisionamento, eu teria certamente escrito um livro bem diferente... Sim, eu contemplei o Mediterrâneo tête à tête por anos seguidos, mesmo que distante de mim pelo espaço e pelo tempo. E a minha visão de história tomou sua forma definitiva sem que eu estivesse completamente ciente disso, em parte como uma resposta intelectual direta a um espetáculo - o Mediterrâneo - o qual nenhuma narrativa histórica tradicional parecia capaz de abarcar, e em parte como uma resposta à existência direta à época trágica que vivia... Todas essas ocorrências que nos vinham através do rádio... tinha que me afastar, rejeitar, não aceitá-las. Abaixo as ocorrências, especialmente as vexatórias! Tinha que acreditar que a história, que o destino, era escrito em um nível muito mais profundo. Escolher uma escala de longo

prazo para se ter onde observar era escolher a posição de Deus, o próprio Pai, como refúgio. Dissociada de nossa gente e da miséria cotidiana, a história estava sendo feita, mudando lentamente como a antiga vida do Mediterrâneo, que em sua perdurabilidade e imobilidade majestosa tanto havia me impressionado. Foi assim que eu conscientemente me propus a procurar uma linguagem histórica - a mais profunda que eu pudesse assimilar ou inventar - com o objetivo de apresentar as condições imutáveis (ou pelo menos muito lentamente mutáveis) que teimam em se afirmar constantemente. E meu livro é organizado em diversas escalas temporais diferentes, indo do imutável para a ocorrência fugaz e passageira. Para mim, mesmo hoje, essas são linhas que delimitam e dão forma para cada paisagem histórica.

Essas palavras memoráveis descrevem uma realização impressionante, mesmo que deslizem sobre um prolongado processo de edição, correção e aperfeiçoamento do texto que emergiu do campo de prisioneiros de guerra. Até mesmo durante os anos da guerra, madame Braudel, tendo acesso às suas anotações e à todos os rolos de microfilme que os dois haviam acumulado, presumivelmente estava trabalhando na correção de detalhes e inserindo referências. Mais ainda, após sua libertação em 1945, dois anos se passaram antes que Braudel defendesse sua tese completa na Sorbonne e dois mais antes que o livro em si fosse publicado em 1949. A equipe de Braudel estava certamente ocupada durante aquele tempo usando suas anotações para corrigir e melhorar o manuscrito.

Mas permanece verdadeiro que o formato essencial e a mensagem do livro tomaram forma no campo de prisioneiros sob os céus do Báltico. Muito provavelmente, sem a separação aparentemente prejudicial - mas em realidade libertadora - de Braudel de sua confusa massa de anotações e documentação de apoio, ele talvez não tivesse sido capaz de escrever so-

bre o Mediterrâneo ao - como ele diz -, “escolher uma posição de Deus”. Em particular, seu conceito único de diferentes escalas temporais do comportamento humano, operando simultaneamente e dentro do mesmo espaço geográfico, poderia nunca ter vindo à tona.

Este instrumento organizacional estranho e logicamente dúbio se tornou coadjuvante apenas de sua vasta curiosidade como uma característica marcante na abordagem de Braudel à escrita histórica. Isto foi raramente imitado por outros; e o próprio Braudel encontrou dificuldades lógicas, especialmente ao lidar com um ritmo temporal intermediário, referido como “conjuntura” na segunda edição de *O Mediterrâneo*, mas que não tinha nome nem nenhuma presença específica na primeira edição. Braudel diz que pegou emprestado o termo “*conjoncture*” e uma palavra aproximadamente associada “estrutura” de economistas franceses, mas nunca se sentiu completamente confortável com o resultado, como deixou claro ao introduzir à Parte 2 “Destinos Coletivos e Tendências” na edição revisada de *O Mediterrâneo*:

Este segundo livro tem, em realidade, dois propósitos contraditórios. Está preocupado com as estruturas sociais, ou seja, com os mecanismos que sobrevivem à marcha do tempo; mas também está preocupado com o desenvolvimento daquelas estruturas. Ele combina, por conseguinte, o que veio a ser conhecido como estrutura e conjuntura, o permanente e o efêmero, o lento e o rápido. Estes dois aspectos da realidade, como os economistas o bem sabem - na verdade é a eles que devemos a distinção original -, estão sempre presentes na vida do dia-a-dia, que é uma mistura constante do que muda e do que permanece. Mas não será fácil explicar este complexo espetáculo de uma só vez. Os capítulos que seguem compartilham a tarefa entre eles, agarrando, por seu turno, os problemas relacionados com sistemas econômicos, Estados, sociedades, civilizações, os instrumentos indispensáveis de troca, e por

fim as diferentes formas de guerra. Mas o leitor não deve ser mal conduzido. Eles são todos contribuições em direção a um ponto de vista único e geral do assunto, impossível de se atingir de algum ponto privilegiado. Estas subseqüentes subdivisões são tanto convenientes quanto necessárias. Elas podem não satisfazer de todo o intelecto, mas qualquer esquema tem seu valor na medida em que permita a melhor explicação possível com o mínimo de repetição.

Assim, Braudel divide o tempo, o guia indispensável do historiador, em uma trindade desafiadora da lógica – *longue durée*, *conjecture*, *événement* – para justificar a sequência de temas desenvolvidos em partes sucessivas do seu livro, mesmo que não “satisfizesse de todo” seu próprio intelecto, nem tampouco se acomodasse facilmente na fascinante variedade de temas que seus capítulos exploravam. Afinal de contas, o livro se baseava, inicialmente, numa vasta e miscelânea montagem de anotações. “Era minha idéia

original, na primeira edição deste livro, que as muitas dimensões do Mediterrâneo do Século XVI deveriam ser sugeridas através de uma série de exemplos, ao selecionar certos detalhes importantes e indicativos... Mas isso significaria deixar enormes espaços em branco entre pontos salpicados de cor; na melhor das hipóteses

Uma cela em uma vaca

apenas daria uma noção impressionista da distância que separa nosso mundo daquele do Século XVI. Hoje (em 1966, quando a segunda edição foi publicada), por outro lado, eu estou mais atraído pela linguagem que os economistas chamam de ‘contabilidade nacional’”.

Braudel, para resumir, se encontrou

dividido entre a linguagem generalizante da economia, a qual ele acreditava ser “a mais científica das ciências do homem”, e a confusa variedade da vida do dia-a-dia como revelada nos arquivos que ele havia consultado. Como seu mentor, Lucien Febvre, Braudel era um partidário convicto da noção de que a história era uma “ciência muito imperfeita, mas mesmo assim, era uma ciência”, mesmo que os historiadores tivessem que depender da “linguagem de um velho ofício que deve ser formado perto da terra”, e dependia de detalhes e mais detalhes. “Mas não é uma coisa boa”, declarou quando conferenciava nos Estados Unidos em 1976, “para a história ser, antes de tudo, uma descrição, uma simples observação, uma classificação sem demasiadas idéias prévias? Ver e mostrar é metade da tarefa do historiador”. A outra metade, presumivelmente, era ser científico e sistemático, procurando encontrar “*structures*” duradouras e emprestando termos dos



economistas ou de outras ciências humanas quando fossem convenientes.

Braudel sempre permaneceu tentado em remoldar a multiplicidade amorfa da história em uma ciência. Mas no curso da revisão de *O Mediterrâneo* entre 1949 e 1966 ele se convenceu que os economistas ofereciam conceitos e termos que eram singularmente poderosos, com o resultado que:

Em nossos dias, temos duas “correntes” bem estabelecidas para escolher, uma construída pela pesquisa dos últimos vinte ou trinta anos – a corrente dos eventos econômicos e suas conjunturas de curto prazo; a outra descrita através das eras – a corrente dos eventos políticos... a qual, aos olhos dos observadores contemporâneos, tomou precedência sobre qualquer outra série de acontecimentos... Para nós, sempre haverá duas correntes – não apenas uma. Então mesmo na esfera da história tradicional, seria difícil pisar exatamente nas pegadas de Ranke. Por sua vez, deveríamos tomar cuidado ao assumir que aquelas duas correntes impossibilitem a existência de outras, ou que caiam na armadilha de ingenuamente assumir que se pode explicar a outra, quando mesmo agora podemos imaginar sobre outras correntes possíveis compostas de dados de história social e cultural e até mesmo de psicologia coletiva.

A abordagem histórica de Braudel, assim, continuou aberta, comportando um espectro cada vez mais amplo de questões, em que as respostas eram no máximo tentadoras. Isto, em realidade, foi o que tornou os *Annales* sob a direção de Braudel tão atraente aos jovens historiadores ambiciosos. Qualquer um com uma nova pergunta era bem-vindo nas páginas do jornal. Novos temas e abordagens amplamente discordantes do passado, assim, proliferaram sob a benigna jurisdição editorial de Braudel, refletindo sua própria curiosidade sem limites e mente aberta.

Ainda assim, a revisão de *O Mediterrâneo* e todos os seus esforços para fazer da história uma ciência

mais perfeita (muitas vezes através de quantificações hipotéticas) não corresponderam às suas expectativas, e regularmente o obrigavam a fazer mais pesquisas para testar suas suposições e cálculos preliminares. Braudel, em realidade, encontrou-se com uma coleção de capítulos cultos e agradáveis em suas mãos, cada um deles fascinante por si só, mas apenas levemente conectado com o que o precedia ou com o que vinha em seguida. Sua técnica na primeira edição se assemelhava àquela dos pintores pontilhistas do

O longo prazo sempre vence no final

século XIX que usavam inumeráveis pontos separados de tinta para descrever cenas cotidianas, dependendo do olhar do espectador para misturá-los em um todo compreensível. E para inúmeros leitores, a técnica de Braudel funcionava muito bem, mostrando um senso vívido e convincente do tipo de vida que caracterizara as terras do Mediterrâneo no século XVI.

Em comparação, os esforços que fez para enquadrar seu retrato magnífico e multicolorido numa camisa-de-força científica, concebido em linhas economicistas, foi um fracasso. Ele estava tentando colocar uma sela numa vaca, esperando cavalgar ao pôr-do-sol e descobrir uma completa compreensão do passado. Ainda assim, sua tentativa quixotesca de reduzir a história à ciência quantificada é admirável à sua maneira, já que fala ao profundo desejo humano de fazer com que qualquer evento tenha importância. O próprio Braudel nunca teve certeza de que as conjecturas que explorava diziam a verdade, muito menos toda a verdade. Ele se via como um pioneiro, com palpites e formulações tentadoras que teriam que ser corrigidas e substituídas por quantificadores subseqüentes mais detalhados e precisos – desen-

volvendo as *mentalités*, por exemplo, que Lucien Febvre havia voltado suas atenções nos últimos anos – que poderiam ser necessárias para completar as estreitas medições econômicas que Braudel colocava quase todos os seus esforços.

Um deficiência óbvia – e deliberada – de *O Mediterrâneo* foi o tratamento um tanto superficial dos assuntos políticos na parte final do livro. Esta era uma maneira de proclamar o quão superficial e até mesmo trivial eram as preocupações dos rivais acadêmicos de Braudel. Ainda assim, em sua ânsia de mostrar as deficiências dos historiadores políticos puros, Braudel introduziu uma incoerência estrutural maior e mais prejudicial em seu livro. Já que sua tentativa de discernir as conjunturas e as estruturas da vida econômica na seção central do livro – da forma como foi revisado – oscilavam inteiramente desconectadas com as estruturas políticas e mudanças da parte três; e ambas “correntes” de acontecimentos se mantiveram sem relação à *longue durée* geográfica (ostensivamente imutável), tão habilmente colocada nas primeiras trezentas e cinquenta páginas.

Como resultado, a primeira edição de *O Mediterrâneo* foi, creio eu, uma obra-prima literária maior que a segunda; enquanto as fundações intelectuais de ambas edições foram seriamente imperfeitas e irregulares. Já que, além do problema de como entender a interação da estrutura e do processo em três escalas temporais diferentes, porém sobrepostas, Braudel preferiu negligenciar as dimensões de seu tema, o que muitos historiadores consideram como essencial. Em particular, ele não tinha quase nada a dizer sobre religião, ou sobre outras idéias intelectuais e correntes de opinião. Ainda assim, a era de Felipe II (ele reinou de 1556 a 1598) foi quando o embate entre protestantes e católicos assumiu uma nova intensidade em toda a Europa, competindo com, e muitas vezes ultrapassando o antigo embate entre cristãos e muçulma-

nos no Mediterrâneo. Não teriam as conjunturas econômicas e as ações de *longue durée* dos governos otomano e espanhol sido afetadas pelas controvérsias religiosas da época? É provável que sim; mas isto é o que as páginas de Braudel insinuam sem dizê-lo explicitamente.

Herdeiro de uma espécie de anticlericalismo francês de Michelet, Braudel desdenhava a religiosidade, e conseqüentemente sentia-se livre para excluir a mais importante dimensão da consciência contemporânea de sua história. Ele estava fascinado, por outro lado, pelas rotinas do trabalho do dia-a-dia e as trocas econômicas. Trazer esses elementos de volta à vida em toda sua concretude era o que realmente importava para ele. As idéias religiosas e os planos político-militares, sendo fundados em esperanças vazias e auto-decepções sistemáticas eram, em contraste, o material dos sonhos, e mereciam ser deixados de lado como marginais, triviais e sem importância.

Quando estava revisando *O Mediterrâneo*, Braudel considerou omitir a política e a pessoa de Felipe II inteiramente, mas ao final decidiu, ainda que um tanto relutante, a manter a narrativa política, já que as expectativas dos professores que haviam aprovado sua tese assim o haviam exigido. Mas incrivelmente, Braudel apenas menciona a individualidade e as idéias de Felipe II na última página de sua narrativa, e o faz somente para o desqualificar, porque: “Ele não era um homem de visão: via sua tarefa como uma interminável sucessão de pequenos detalhes... . Nunca encontramos noções gerais ou grandes estratégias sob sua pena”. As ansiedades religiosas e crenças que moldaram em grande medida o comportamento de Felipe nunca aparecem na obra.

Braudel estava ciente da estranheza de tal visão do passado e incluiu uma breve conclusão em 1965 para justificar como ele havia organizado o livro. Aqui, então, estão as últimas palavras do livro:

Então quando penso no indivíduo, estou sempre inclinado a vê-lo aprisionado a um destino, sob o qual ele próprio tem pouco controle... Na análise histórica como a vejo, de forma certa ou errada, o longo prazo sempre vence no final... Sou por temperamento um “estruturalista”, pouco tentado pelo evento, ou mesmo pela conjuntura de curto prazo. Mas o “estruturalismo”... não tende à abstração matemática... mas sim às próprias fontes da vida em suas expressões humanas mais concretas, do cotidiano, indestrutíveis e anônimas.”

Braudel de fato retratou o compor-



tamento humano concreto, cotidiano e anônimo nas paisagens mediterrâneas como ninguém o havia feito antes; e isto mantém-se como a mais duradoura e singular realização de seu maior livro. Em contraste, quando tirou suas atenções do Mediterrâneo – que ele havia divulgado tão bem para o mundo – um pouco de seu extremo tino com seu objeto de estudo, que havia feito sua técnica pontilhista tão eficiente, o abandonou. Conseqüentemente, apesar de *Civilização e Capitalismo* ter introduzido um novo princípio tripartido para a análise histórica, e conter muitas passagens

instrutivas e convincentes, especialmente aquelas lidando com a Europa, continua a ser uma obra inferior à sua predecessora. Infelizmente, Braudel sabia muito pouco sobre os chineses ou outros povos não europeus para encontrar detalhes-chave infalivelmente, como o havia feito em O Mediterrâneo; e já que dependia inteiramente das fontes européias, as ricas fundações em arquivos locais que sustentavam seu trabalho anterior também estavam ausentes.

Civilização e Capitalismo foi inicialmente concebido em 1950 como parte da série *Destins du Monde*, editada por Lucien Febvre. Foi projetado para servir de acompanhamento para um livro que o próprio Febvre tentadoramente intitulou O Pensamento e Crença Ocidentais 1400- 1800. Mas Febvre morreu em 1956 sem deixar um manuscrito publicado, obrigando, assim, que o trabalho deliberadamente incompleto de Braudel ficasse sozinho. Isto foi um convite a que Braudel satisfizesse seu interesse em detalhes da vida material, cotidiana e sua predileção intelectual por história econômica e o perdoava, de forma mais plausível que anteriormente, por sua desatenção ao pensamento, ciência e religião.

A versão inicial, publicada em 1967, se conformava aos padrões do *Destins du Monde*, e, sendo projetada para o público em geral, não apresentava notas de rodapé. Mas Braudel não estava satisfeito. Uma visão mais ampla da condição humana nos tempos modernos havia começado a despontar para ele; assim, resolveu revisar e expandir seu estudo da economia global entre 1400 e 1800, relançando a publicação de 1967 em 1979 como o primeiro volume de três, com um novo título, e com uma série de notas de rodapé laboriosamente reconstruídas baseadas nas anotações elípticas que ele havia feito enquanto preparava a primeira versão. Ele dedicou aquele volume a “Paule Braudel, que havia se dedicado a este livro”. Presumivelmente foi ela a principal responsável por reinventar

as notas de rodapé, enquanto continuava a assisti-lo, como sempre, ao fazer anotações diligentemente para os últimos volumes.

A nova idéia central de Braudel para organizar *Civilização e Capitalismo* dependia de delinear uma clara distinção entre o capitalismo e o que ele chamava de “economias de mercado”. Ele estava ciente do quão estranho isso soava nos Estados Unidos, e aproveitou uma ocasião em que fazia palestras na Johns Hopkins em 1976 para resumir seu argumento de maneira concisa, apontando que “os mercados são encontrados em toda parte, até mesmo nas sociedades mais elementares” e até mesmo “sociedades mais complicadas e desenvolvidas estão literalmente crivadas de pequenos mercados”. Mas, de acordo com Braudel, uma espécie de sistema de trocas predatório emergiu gradualmente com o capitalismo europeu, quando “trocas desiguais nas quais a competição – a lei básica da economia de mercado – tinha pouco espaço e na qual negociante possuía dois trunfos na mão: ele havia quebrado as relações entre o produtor e a pessoa que eventualmente recebia a mercadoria (apenas o negociante sabia as condições do mercado nas duas pontas da corrente e por conseguinte os lucros esperados); e ele tinha dinheiro vivo que servia como seu principal aliado... . Agora, quanto mais longas se tornam estas correntes, mais possibilidades eles têm de se livrar das costumeiras regulações e controles e mais claramente o processo capitalista emerge”. O argumento continua: “Estes homens conheciam mil maneiras de aproveitar as adversidades em seu favor... Eles possuíam um conhecimento superior, inteligência e cultura. E pegavam tudo que estava à sua volta que valia a pena - terras, imóveis, aluguéis. Quem podia duvidar que estes capitalistas possuíam monopólios à sua disposição, ou que simplesmente tinham o poder de eliminar a competição nove vezes em dez?” E Braudel conclui: “Deixem-me resumir: Há

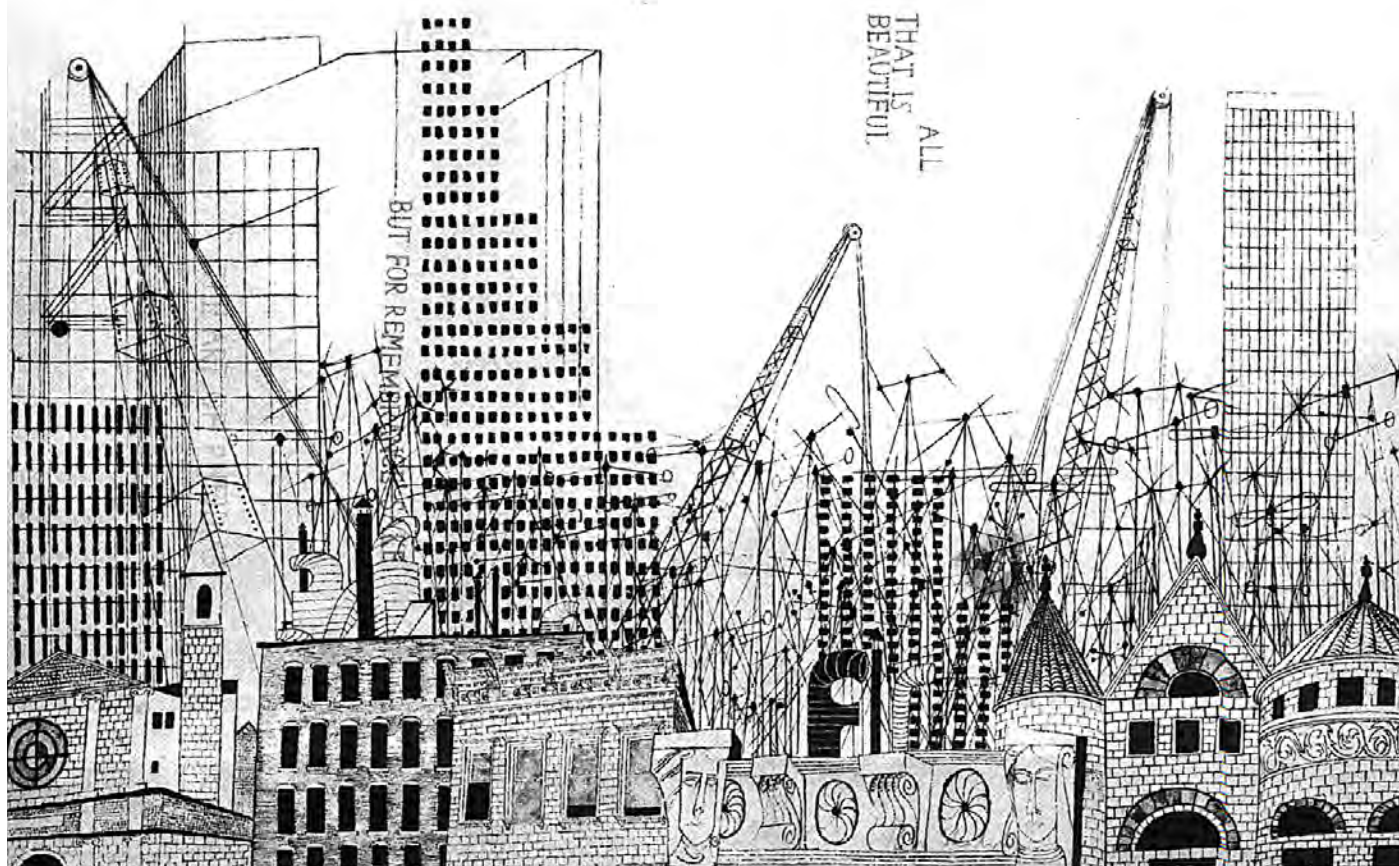


dois tipos de trocas: uma é mais ‘pé no chão’, baseada na competição, e é quase transparente; a outra, uma forma mais elevada, é sofisticada e dominante”.

Braudel gostava e admirava a economia de mercado quase tanto quanto se satisfazia em retratar as rotinas do dia-a-dia da vida material. Aqui estava sua realidade humana com “pé no chão”. De maneira não menos clara, não gostava dos capitalistas por terem tirado vantagem desleal de pessoas comuns, graças à seus monopólios de dinheiro instantâneo e das informações sobre preços e crédito em lugares distantes. Também, sendo um patriota francês, localizava os males do capitalismo primeiro na Holanda e depois na Inglaterra com a

revolução industrial do século XVIII. Além disso, estes estrangeiros gananciosos decidiram explorar sua querida França rural, de pequenas cidades, a qual, declarou, havia sido “apoderada, remodelada, reduzida à inferioridade pela economia capitalista que se estabeleceu na Europa após o século XVI”.

Ainda assim, a distinção de Braudel entre o capitalismo e as economias de mercado parece fundamentalmente equivocada – pelo menos para mim. Afinal de contas, a competição normalmente existe entre capitalistas também: e os mercados locais, igualmente, não são sempre transparentes e competitivos. Ao descrever as economias de mercado, Braudel estava certamente pensando no estilo de vida



que ele conheceu quando criança em Lumeville, onde os compradores e vendedores normalmente negociavam em termos muito paritários. Mas este tipo de sociedade local estava longe de ser universal. Nas vilas polonesas e russas, por exemplo, quando Braudel estava crescendo, nenhuma igualdade deste tipo entre compradores e vendedores ocorria. Ao contrário, um único dono de taverna, licenciado tão comumente como não pelo senhorio da vila, muitas vezes gozava de um eficiente monopólio local. Em outras sociedades de fronteira, tanto nas Américas como na Austrália, outros tipos de monopólio local também prevaleciam, simplesmente porque as redes de transporte e comunicação eram demasiadamente frágeis para assegurar uma eficiente competição local.

O capitalismo predatório de Braudel, para resumir, me parece ser um fenômeno transitório, dependente dos monopólios que tendem a desaparecer quando os transportes e a comunicação conseguem corresponder às demandas do mercado, apenas para reaparecer quando novas tecnologias e

comunicações introduzem novos monopólios evanescentes. Como exemplo, considere as vantagens desfrutadas por Bill Gates e sua ascensão fora da revolução dos computadores que estamos passando agora, enquanto os monopólios industriais da Inglaterra do século XVIII, com seus produtos têxteis feitos por máquinas, há muito tempo abriram o caminho para o capitalismo selvagem na produção de algodão e outros tipos de tecido.

Assim, a estruturação de Braudel dos assuntos econômicos em seu *Civilização e Capitalismo* em relação (1) a uma vida material praticamente imutável, que se escorava tanto (2) nas economias de mercado locais, onde a conjuntura era especialmente na sua cidade natal, como também (3) num estilo de exploração capitalista emergente e mais global, parecem tão obviamente defeituosos como o foi seu fracasso em articular nesta obra os três níveis temporais que ele havia se acostumado a organizar a partir do livro *O Mediterrâneo*. Ainda assim, ele nunca foi dogmático, e sempre reconheceu que sua forma de organizar as idéias era tentadora, já que “um

trabalho de história... nunca pode se dizer completo, de ter afirmado a verdade de uma vez por todas”.

De maneira global, as generalizações “científicas” abstratas nunca foram o seu forte. Por outro lado, a principal força e duradoura grandeza de Braudel foram sempre literárias, e suas consecuições como escritor foram devidamente reconhecidas em 1984, apenas um ano antes de morrer, através de sua eleição para a *Académie Française*, tornando-o, oficialmente, um imortal. Ele certamente escreveu a história de maneira elegante, às vezes informal, sempre de forma discursiva e vastamente erudita, ressaltada por detalhes e informada por uma mente infindavelmente curiosa e inquisitiva, procurando estruturas e explicações para o passado, mesmo que nunca pudesse se convencer completamente de que tinha de fato chegado à verdade. Para o historiador, esta é uma receita boa e testada pelo tempo. Já que a arte literária de Braudel, combinando uma vasta erudição e pesquisas sustentadas com viva exposição de tudo que o interessava, exatamente replica as “indagações” clássicas de

Heródoto, das quais a tradição historiográfica europeia descende, e o faz de forma mais fiel que qualquer outro corpo de escritos de nossa época.

Sua habilidade literária verdadeiramente excepcional foi reforçada por duas características do pensamento de Braudel que aparentemente se tornarão pedras angulares no futuro desenvolvimento da história acadêmica no mundo. A primeira é a ênfase que colocava na importância – que muitos passavam por cima – de circunstâncias e processos os quais muitos de seus contemporâneos não estavam cientes. Isto significava que a mais meticulosa transcrição de fontes contemporâneas não mais poderia pretender ser uma narrativa detalhada dos tempos passados, como os historiadores políticos, contra os quais Braudel se revoltara tão vigorosamente em sua juventude, tendiam a assumir. Propósitos conscientes não eram suficientes: processos – *longue durée*, conjuntura, e quem sabe o que mais? – derrotados até nos mais cuidadosos planos humanos. É claro, as pessoas sempre perceberam que intenções e experiência nem sempre coincidem exatamente. Explicações tradicionais atribuíam tal discrepância à fortuna, acaso ou aos propósitos ocultos de Deus. Braudel não estava satisfeito com estas respostas, mesmo que as estruturas “científicas” e as conjunturas que usava como explicação parcial nunca o satisfizessem tampouco.

Muitos dos contemporâneos de

Braudel entre os historiadores acadêmicos também olhavam por trás dos propósitos registrados conscientemente para os processos intelectuais inteligíveis que afetavam o passado humano. Nada como um consenso emergiu; mas a busca dificilmente será deixada de lado. O papel de Braudel, através de seus próprios livros e como líder da geração de historiadores do pós-Segunda Guerra Mundial da escola dos Annales, lhe deu um papel central em voltar a atenção profissional do que os mortos haviam dito e feito – deliberadamente e conscientemente – para os processos coletivos sem intenção que seu comportamento colocara em movimento. Isto, me parece, é a partida central de velhos pontos de vista que afetaram a profissão de historiador após a Segunda Guerra Mundial. Braudel desempenhou um papel de liderança em levar adiante esta mudança; e sua duradoura influência provavelmente permanecerá neste simples fato.

A segunda característica das realizações de Braudel foi uma visão global do passado humano que ele abraçou. Sua extensão a horizontes mais distantes já era evidente em *O Mediterrâneo*, quando explorava (quase literariamente) as rivalidades globais dos governos espanhol e otomano, enquanto via o Saara menos como uma barreira do que como um mar de areia navegável conectando o Mediterrâneo e os povos africanos. O globalismo de Braudel se tornou ex-

plicito em *Civilização e Capitalismo*, apesar de que ele era muito mais familiarizado com a cena europeia do que com outras partes da Terra e sempre permaneceu quintessencialmente francês em gosto e visão.

A história mundial também é um campo crescente de indagações, apesar de ainda ter que conseguir total respeitabilidade entre os historiadores acadêmicos tanto na França como em outros países. A ousadia de Braudel em relação à história global, mesmo que confinada aos assuntos econômicos entre 1400 e 1800, se coloca como um dos mais impressionantes exemplos de como um único autor pode fazer o mundo se conformar num quadro inteligível dos tempos passados.

Estas realizações, juntamente com os espectros dos historiadores dos Annales que Braudel ajudou a formar, asseguram a ele um lugar de liderança entre os historiadores do século XX. Mais ainda, sua habilidade literária e curiosidade infatigável, que irradiam de suas páginas, parecem que provavelmente irão garantir uma atenção duradoura e disseminada sobre o que escreveu. Braudel, para resumir, como um autêntico herdeiro de Heródoto, merece sua reputação como o mais influente historiador de seu tempo, apesar do fracasso de seu esforço (Tucidediano) de reduzir a variedade multifária do comportamento humano aos confinamentos da ciência generalizadora. ■